# De leituras e críticas

# MARTÍRIO E REDENÇÃO

Às vezes penso de que maneira pode ser lido hoje, cem anos depois, o clássico final da la. Parte d'Os sertões, de Euclides da Cunha:

"O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida.

Nasce do martírio secular da Terra".

Em nossos dias o martírio da terra não é apenas a sêca do Nordeste. É a devastação predatória de todo o país e é a subordinação da posse do solo à sêde imoderada de lucro. Se aquela agride a integridade da
Natureza, fonte de vida, esta impede que o trabalhador rural tenha condições de manter com dignidade a sua família e de produzir de maneira
compensadora para o mercado. Hoje, o martírio do homem rural é a espoliação que o sufoca.

Como consequência, tanto o martírio da terra (ecológico e econômico), quanto o martírio do homem (econômico e social) só podem ser remidos por meio de uma redefinição das relações do homem com a terra, objetivo real do MST. Por isso, ele é iniciativa de redenção humana e promessa de uma era nova, na qual o homem do campo possa desempenhar com plenitude e eficiência o grande papel que lhe cabe na vida social e econômica, porque as lides da lavoura são componente essencial de toda economia saudável em nosso país. Por se ter empenhado nessa grande luta com
desprendimento, bravura e êxito o MST merece todo o apoio e a gratidão
de todos. Nele palpita o coração do Brasil.

Antonio Candido



# Comentários a "Martírio e Redenção" de Antonio Candido

#### Adelia Bezerra de Meneses\*

Comento aqui, sucintamente, "Martírio e Redenção", lesse texto comovente de Antonio Candido, encontrado datilografado, "assinado" à máquina de escrever, e com a data escrita manualmente, no seu talhe inconfundível: abril 2001.

Como Professor, historiador da Literatura, crítico literário e pensador do Brasil, esse sociólogo-literato reverente à Literatura, nessa pequena obra-prima inédita que trata das relações do Homem com a Terra, enceta seu assunto remontando a Euclides da Cunha.

De fato, em **Os Sertões** de Euclides, como todos sabemos, há uma tripartição da obra em "A Terra", "O Homem", "A Luta". E é na primeira parte, "A Terra", cujo "clássico final" ele cita, que se entronca o texto de Antonio Candido. Ele começa por sugerir, passado mais de um século, uma atualização da leitura das últimas linhas desse capítulo, que cita textualmente:

"O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da terra...". (CUNHA, 2004, p. 63).

<sup>\*</sup> Universidade de São Paulo (ex-docente e atual professora colaboradora voluntária junto ao DTLLC) e Universidade Estadual de Campinas (Aposentada). Fez Mestrado e Doutorado na USP orientada por Antonio Candido.

Como se trata de um texto inédito e que será aqui objeto de uma como que "análise de texto", cada vez que eu o citar, ele será assinalado por meio de grifo.

É esse, efetivamente, o fecho da primeira parte, na sequência de todo um desdobramento em que Euclides da Cunha, numa modernidade instigante, refere-se à terra como um "organismo" e fala que aos cataclismas naturais (da seca abrasadora às torrentes catastróficas) se agrega

[...] um agente geológico notável – o homem. Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos." (CUNHA, 2004, p. 57).

Pois bem, antes de destrinchar o texto de Antonio Candido, é o caso de apresentar as ideias precedentes de Euclides nesse mesmo capítulo, e que virão culminar na frase que Antonio Candido cita, e que, de uma certa maneira, as sintetiza. Urge comentar o que do pensamento de Euclides está figurado em "tortura" e "martírio" –tanto do Homem como da Terra.

O autor de **Os Sertões**, preocupado com a seca e com a desertificação, apontará reiteradamente a ação humana nesse processo, em passagens nas quais a antropomorfização da Natureza (apontada, aliás, por Walnice Nogueira Galvão no seu prefácio à edição crítica de **Os Sertões** por ela organizada)² aparece de forma candente. Efetivamente, ele utiliza verbos fortes para a ação do homem sobre a terra: [...] dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes [...]; atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações [...]; esterelizou-a com os lastros das grupiaras [...]; feriu-a a pontaços de alvião [...]; degradou-a corroendo-a com as águas selvagens das torrentes [...]; e deixou, aqui, ali, em toda a parte, para sempre estéreis [...]. (CUNHA, 2004, p. 58).

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> "Os seres da natureza, antropomorfizados, são dotados de sentimentos ou mesmo de desígnios." (CUNHA, 2004, p. 3).

### E conclui, uma página adiante:

Colaborando com os elementos meteorológicos, com o nordeste, com a sucção dos estratos, com as canículas, com a erosão eólia, com as tempestades subitâneas — o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. (CUNHA, 2004, p. 59).

Como um ecologista avant la lettre, ele vai traçar um panorama histórico dessa ação humana deletéria no Brasil: começa com a coivara dos indígenas (que utilizavam o fogo para abrir campo para suas plantações), continua pela intervenção dos colonizadores, que copiam o mesmo proceder, agravando-o "com o adotar, exclusivo no centro do País, fora da estreita faixa litorânea dos canaviais da costa, o regime francamente pastoril." (CUNHA, 2004, p. 58).3 Na sequência virão o "sertanista ganancioso e bravo, em busca do selvícola e do ouro, abridores de caminho com o fogo, "balizando as marchas das bandeiras", e os que genericamente são chamados de exploradores – todos, adeptos das queimadas e do desmatamento. Euclides cita um "juiz conservador das matas", que em 1799 decreta "que se coíba a indiscreta e desordenada ambição dos habitantes [da Bahia e de Pernambuco] que têm assolado a ferro e fogo preciosas matas [...]". (CUNHA, 2004, p. 59). E no rastro dos "sertanistas do Norte" e dos "bandeirantes do Sul", virão os mineradores (de ouro e prata e pedras), até chegar à atualidade (atualidade de 1898, quando ele começa a escrever **Os Sertões**, publicado em 1902). E, como já referi, sintetiza tudo na imagem de grande força que é a da "tortura" e do "martírio": tortura do homem, inserida na tortura mais ampla da terra, "abrangendo a economia geral da vida.".

Importa que nos demos conta de que isso foi escrito há mais de um século; o livro foi publicado em 1902, muito antes do agronegócio e da bancada do boi.

Antonio Candido utiliza em seu pequeno texto essa imagem contundente, que lhe servirá de mote e título, endossa (ao menos no início) a visão trágica das relações do indivíduo com o meio (tanto físico como social), mas avançará em relação ao pensamento de Euclides. É de se observar que a preocupação ecológica está presente em ambos: Antonio Candido, falando do "martírio ecológico e econômico da terra" aponta para a questão da ecologia, nomeando-a explicitamente; Euclides da Cunha utilizará a expressão "economia geral da Vida", que lhe corresponde.

E aqui cabe um parêntese. "Ecologia" é uma palavra concebida pelo biólogo alemão Ernst Haeckel em 1866 (aliás, ano em que nasceu Euclides) e que ganhou voga na década de 70 do século passado em diante. Com a "Conferência de Estocolmo", em 1972, oficializou-se o surgimento da percepção ecológica em dimensão planetária. De fato, Euclides da Cunha antecipou entre nós essa discussão: ele não usa o termo "ecologia", mas opera com a ideia, e utiliza, como já referi, a expressão "economia geral da Vida" – que é quase que um sinônimo. Aliás, **Eco**logia e **Eco**nomia contêm ambas, embutido na sua estrutura vocabular, o termo grego *oikos*. *Eco*logia, de *oikos* (= morada, casa) + *logos* (= estudo, ciência), é o estudo, a ciência da moradia humana; *Eco*nomia, de *oikos* (morada) + *nomos* (regra, lei, uso), é a administração de uma casa, a gestão de assuntos de uma casa.

É extremamente interessante ver como Antonio Candido como que mimetiza o polo do qual partira e tinge o seu estilo de cores fortes, à maneira de Euclides. Não apenas as imagens contundentes da "tortura" e do "martírio", mas, como se verá a seguir, o próprio estilo, no trecho final do texto, adquire uma vibração euclidiana. Ele se põe a comentar, expandindo-as,

aquelas poucas frases com que culmina a parte de "A Terra" e, como Euclides, embarca na antropomorfização da Natureza, desdobrando a imagem de uma terra martirizada porque arrasada predatoriamente: "Em nossos dias, o martírio da terra não é apenas a seca do Nordeste. É a devastação predatória por todo o país e é a subordinação da posse do solo à sede imoderada do lucro". "Subordinação da posse à sede imoderada do lucro" – incrusta-se aqui, nessa frase enxuta, uma alusão crítica ao uso não social da propriedade. Mas a reflexão se adensa:

Se aquela (a seca) agride a integridade da Natureza, fonte de vida, esta (a sede do lucro) impede que o trabalhador rural tenha condições de manter com dignidade a sua família e de produzir de maneira compensadora para o mercado. Hoje, o martírio do homem rural é a espoliação que o sufoca.

Aqui se encontra um eco poderoso de Os parceiros do **Rio Bonito** – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, (CANDIDO, 2010) texto publicado em livro em 1964, mas escrito de 1948 a 1954, como tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia. Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Defendida em 1954, focada nos "meios de vida" do caipira paulista, essa tese implicou num trabalho de campo na zona rural de Bofete, cidade do interior de São Paulo. Tratando do Cururu, dança cantada do interior paulista, a pesquisa teria como título "Poesia Popular e mudança social", mas, conforme o testemunho do Autor numa entrevista, ele acabou percebendo que sem conhecer música não seria possível estudar uma manifestação primordialmente musical (CANDIDO, 2001). Então aproveitou em outro rumo o material coletado em trabalho de campo e transformou o que seria a parte inicial da tese – o estudo sobre a cultura caipira – na

própria tese. Conta ainda Antonio Candido que a Editora José Olympio queria publicá-la de imediato, na Coleção Documentos Brasileiros, mas o autor achou que era fraca e precisava ser melhorada. E, assim, ela foi deixada inédita até 1964, quando, mesmo sem retoques foi publicada, "quando a sociologia já tinha avançado muito aqui e ela deixara de ter o impacto que poderia ter tido em 1954 ou 1955". (CANDIDO, 2001). Mas, como sabemos, o impacto foi extremamente significativo e continua em curso, tanto nos estudos de Sociologia quanto nos de Teoria Literária e Literatura Comparada, uma vez que Os Parceiros do Rio Bonito nasceu de uma proposta de estudar as relações entre literatura e sociedade, partindo de uma pesquisa sobre o cururu. No entanto, ao longo do trabalho, como o autor relata nas páginas iniciais do livro, patentearam-se ao pesquisador o "senso dos problemas que afligem o caipira" e suas condições de subsistência, e aguçou-se a percepção dos inescapáveis fundamentos econômicos de sua situação:

E assim foi que, tendo partido da teoria literária e do folclore, o trabalho lançou uma derivante para o lado da sociologia dos meios de vida; e, quando esta chegou ao fim, terminou pelo desejo de assumir uma posição em face das condições descritas. (CANDIDO, 2010, p. 11-12).

Reitero, grifando: "terminou pelo desejo de **assumir uma posição** em face das condições descritas". Efetivamente, nas páginas finais desse texto, essa posição é assumida:

Aqui chegando, o sociólogo, que analisou a realidade com os recursos metódicos de quem visa resultados objetivos, cede forçosamente a palavra ao político, ao administrador, e mesmo ao reformador social que jaz latente em todo verdadeiro estudioso das sociedades modernas — voltando-se para **soluções** que limpem o horizonte carregado do homem rústico. [...]

Conclui-se de tudo que, passando do plano propriamente sociológico para o da política e da administração (que o prolongam pelo vínculo da sociologia aplicada), a situação estudada neste livro leva a cogitar no problema da Reforma Agrária. (CANDIDO, 2010, p. 257, grifo meu).

Esse percurso que leva do estudo teórico à necessidade da práxis deve ser pontuado. Foi na Reforma Agrária - bandeira primordial da década de 1960, uma das mais fundamentais "reformas de base" reivindicadas – que desembocou esse estudo. E efetivamente, aqui, o sociólogo deve ceder a palavra ao político. Trata-se de um caso oposto ao do homem de gabinete, da torre de marfim. Efetivamente, o escritor da "torre de marfim" é aquele que se dedica a pensar e teorizar, de longe e do alto, intocado e intocável: mas Antonio Candido esse intelectual de extraordinário fôlego teórico, rigorosíssimo e sofisticado, mas gramscianamente orgânico, desce ao nível do concreto, rente à subjetividade do outro, ao rés do chão dos seus níveis de subsistência, dos seus meios de vida, como reza o título completo de Os Parceiros. E aí, como vimos nos trechos acima citados, ele fala na necessidade de voltar-se "para soluções que limpem o horizonte carregado do homem rústico", e, nas páginas finais, conclui que a situação estudada nesse livro "leva a cogitar no problema da Reforma Agrária".

Voltemos ao texto de 2001, "Martírio e Redenção", de onde parti. Aí Antonio Candido propõe uma possibilidade de **solução** para o "martírio" que ele já nomeara com seu real nome de espoliação, mas que poderá ser "remido": seria uma "redefinição das relações do homem com a terra.". Vamos ao texto sem paráfrase: "[...] tanto o martírio da terra (ecológico e econômico), quanto o sacrifício do homem (econômico e

social) só podem ser remidos por meio de uma redefinição das relações do homem com a terra, objetivo real do MST.".

E assim ele avança em relação a Euclides da Cunha. A partir daí Antonio Candido adquire um tom épico, num texto de crescente emoção, imantado pela utopia:

Por isso, ele (o MST) é iniciativa de redenção humana e promessa de uma era nova, na qual o homem do campo possa desempenhar com plenitude e eficiência o grande papel que lhe cabe na vida social e econômica, porque as lides da lavoura são componente essencial de toda economia saudável em nosso país.

A linguagem, desde a escolha vocabular, quase que resvala para uma esfera religiosa: na sequência de "martírio" (que foi buscado em Euclides), virá "redenção" e "promessa de uma era nova".

E termina assim esse texto, em que "redenção" seria fruto de uma ação humana militante: "Por se ter empenhado nessa grande luta com desprendimento, bravura e êxito, o MST merece todo o apoio e a gratidão de todos. Nele palpita o coração do Brasil.".

Assinado: Antonio Candido.

## **Apêndice**

Cabem aqui algumas observações de cunho episódico e biográfico, ligados a esse assunto. Antonio Candido doou livros à biblioteca da Escola do MST em Guararema, a "Escola Nacional Florestan Fernandes" (ENFF), o seu maior centro de formação. (Efetivamente, a questão da Educação é extremamente cuidada

pelo MST, que se considera um lugar de formação do sujeito social.) A Biblioteca foi inaugurada em 2006, contando com um acervo de 17 mil livros, com a presença de Antonio Candido, que discursou na ocasião, elogiando o MST, declarando que a leitura de livros nos liberta de muitas servidões, e ressaltando seu poder humanizador. Recentemente, mais precisamente em junho de 2017, logo após sua morte, quando o acervo cresceu para 40 mil livros, foi dado o nome de Antonio Candido a essa biblioteca.<sup>4</sup> Tudo a ver com o autor do texto **O Direito à Literatura**.

Realmente – como dizem os versos de uma estrofe popular,<sup>5</sup> retomados por Chico Buarque como epígrafe de uma de suas canções que tematizam os Sem-Terra, e que ele intitulou "Assentamento" – Antonio Candido é um desses homens que nos fazem "crescidos de coração".

#### Referências

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito** – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> A ligação de Antonio Candido e Florestan Fernandes, esses dois grandes intelectuais amigos e irmanados em seus ideais socialistas, é iconizada quase que topologicamente. Além dessa vizinhança em Guararema, há mais: em 2005, quando as bibliotecas da FFLCH da USP foram unificadas e transformadas numa biblioteca central, a ela foi dado o nome de "Biblioteca Florestan Fernandes". Pois bem, depois da morte de Antonio Candido, o prédio de Letras da FFLCH da USP, que abriga essa Biblioteca, recebeu o nome do seu maior Professor, e atualmente se chama "Edificio Professor Antonio Candido de Mello e Souza".

Esse versos foram utilizados por Guimarães Rosa numa de suas epígrafes: "Quando eu morrer, que me enterrem/ na beira do chapadão/ contente com minha terra / cansado de tanta guerra / crescido de coração". (Tôo).

<sup>6 &</sup>quot;Assentamento". In Sebastião Salgado: Terra. (Introdução de José Saramago, Versos de Chico Buarque). São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

CANDIDO, Antonio. Entrevista com Antonio Candido. [Entrevista cedida a] Heloisa Pontes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 16, n. 47, out. 2001. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092001000300001">http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092001000300001</a>>. Acesso em: 28 nov. 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O Preço da Modernização, Prefácio a Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.